



O DISCURSO FUNDADOR NA PRODUÇÃO DA HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE CANELA/RS

Paula Carina Mayer da Silva¹

Luciene Jung de Campos²

OS LIMITES DEFINIDOS PARA APRESENTAR A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE CANELA/RS

O presente trabalho é um recorte do projeto de pesquisa “O turismo no jogo do simbólico entre natureza e cultura no município de Canela/RS³”. No presente trabalho abordo um dos principais sentidos veiculados na obra “Primórdios de Canela/Nascente Turístico do RGS”, de Roger Stoltz (1992), entendida conceitualmente como discurso fundador na produção da história do município de Canela/RS.

Stoltz é referência em outras obras que retomam a história do município, tais como: “Canela – a reconquista de um horizonte: memórias e estratégias do sucesso”, de Suzana Vellinho Englert, 2002; “Canela: por muitas razões”, de Antônio Olmiro dos Reis, Marcelo Wasem Veeck e Pedro Oliveira, segunda edição, 2009; “Expansão urbana e gestão turística: políticas e práticas públicas no município de Canela entre 1988 e 2002”, de Norberto Hoffmann, dissertação de mestrado PPGTur/UCS, defendida em 2004.

A obra de Stoltz é tomada como base de referência por Englert, Reis; Veeck; Oliveira e Hoffmann, produzindo evidências de sentidos que circulam e se repetem em redes parafrásticas. Para este trabalho, a obra analisada foi a dissertação de Hoffmann.

Com o intuito de buscar tais sentidos produzidos, aciono o dispositivo teórico analítico da análise do discurso (AD) francesa. Idealizada por Michel Pêcheux, ao findar dos anos 1960. Estruturada sobre o aporte da Linguística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise, se interessa pelos processos de significação e pelos gestos de interpretação que funcionam a partir de materialidades discursivas, tomadas enquanto discursos.

CONTEXTUALIZANDO O DISCURSO FUNDADOR

Para Michel Pêcheux (2002, p. 9), “a história ‘aparenta’ o movimento da interpretação do homem diante dos ‘fatos’. Por isto [para ele,] a história está ‘colocada’”. Sendo assim, parto do princípio que o discurso fundador se coloca através da interpretação na história.

¹ Mestranda e Bacharel em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).

² Doutora em Estudos da Linguagem, especialidade de Teorias do Texto e do Discurso pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

³ Projeto de pesquisa de autoria de Paula Carina Mayer da Silva apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Turismo – Mestrado (PPGTur), Linha de Pesquisa: Turismo, Cultura e Educação, Universidade de Caxias do Sul, sob a orientação da Profa. Dra. Luciene Jung de Campos.



E, tomo como ponto de partida, o que foi definido segundo Orlandi (2001) como discurso fundador, uma vez que, são esses discursos que funcionam como referência básica no imaginário constitutivo do município.

O discurso fundador é aquele em que a comunidade se reconhece como tal, a partir da sua significação, sendo capaz de produzir sentidos. E, para produzir sentidos, ele deve ser entendido inicialmente, enquanto um fio de instauração do novo, como menciona Orlandi (2001).

É a partir da “instauração de uma nova ordem de sentidos”, que se poderá caracterizá-lo como fundador, pois assim, estará se criando uma nova tradição, ressignificando o que veio antes e instituindo uma memória outra. Sendo esse, “um momento de significação importante, diferenciado” (Ibidem, p. 13).

Assim, o discurso fundador, enquanto tal estabelecerá uma “relação particular com a ‘filiação’”, sendo essa, uma das suas características. Pois, ao criar uma tradição de sentidos que se projetam “para a frente e para trás, trazendo o novo para o efeito de permanente”, esse se instala inevitavelmente. Sendo “talvez esse efeito que o identifica como fundador: [ou seja,] a eficácia em produzir o efeito do novo que se arraiga no entanto na memória permanente (sem limite)”. Produzindo “desse modo o efeito do familiar, do evidente, do que só pode ser assim” (Ibidem, p. 13-14).

Contudo, para que se produza esse deslocamento de sentidos, deve haver “um outro lugar de sentidos estabelecendo uma outra região para o repetível (a memória do dizer), aquela que a partir de então vai organizar outros e outros sentidos”. E a isso, irei poder chamar de ‘*discurso fundador*’. Uma vez que, “dar sentido é construir limites, é desenvolver domínios, é descobrir *sítios de significância*, é tornar possíveis *gestos de interpretação*”, conforme observa Orlandi (2001, p. 15, grifo do autor).

“O fundador busca a notoriedade e a possibilidade de criar um lugar na história, um lugar particular. Lugar que rompe no fio da história para reorganizar os gestos de interpretação”. Para isso, o fundador se desloca em um “terreno fértil [...] que confunde a realidade, a imaginação (a ficção, a literatura) e o imaginário (a ideologia, o efeito de evidência construído pela memória)” (Ibidem, p. 16-17).

E é exatamente aí que a marca discursiva do discurso fundador irá aparecer, pois se institui na construção do imaginário necessário para dar uma cara a um município em formação; para constituí-lo em sua especificidade como um objeto simbólico. A partir daqui, a noção de discurso fundador, é o que liga a formação do município à formação de uma ordem de discurso que lhe dá uma identidade, possibilitando sua existência e seu reconhecimento.

Segundo Orlandi (2001, p. 23-24) o que define o discurso fundador é uma ruptura. E essa ruptura é um deslocamento que instala a metáfora. “Isso porque no discurso fundador o opositor não existe: a história é no *agora*” (Ibidem, p. 22, grifo do autor).

Ou seja, o discurso fundador é aquele que, em resumo, instala as condições de formação de outros sentidos, filiando-se à sua própria possibilidade, instituindo em seu conjunto um complexo de formações discursivas, uma região de sentidos, um sítio de significância que configura um processo de identificação para um município, no presente.

Os sentidos em torno da caneleira

Em sua obra, Stoltz menciona a frondosa caneleira que servia como ponto de encontro e pousada de tropeiros, localizada em um ponto de destaque no campo – batizado pelos tropeiros como *Campestre Canella*, em razão dessa caneleira. Passadas algumas décadas, a caneleira perdeu seu espaço para a estação de trem do futuro município.

Os primeiros indícios de possíveis informações a respeito do território que um dia viria a se tornar o município de Canela, data do início do século XVII, mais precisamente, 1634, quando grupos de tropeiros começaram a levar gado bovino e cavalos para São Paulo e Minas Gerais, ou trazê-los para as reduções jesuíticas, hoje, Região das Missões (Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul).

Acredita-se que o local conhecido por Canela servia de passagem aos tropeiros com seus animais. O local era um largo campestre (campo entre matas) alguns quilômetros distante da estrada principal, a noroeste de São Francisco de Paula. Por ali não havia nenhum caminho que ligasse ao principal [...]. É pouco provável o campo ter servido de passagem a tropas de animais. Mais fácil é acreditar ali ter havido atividades ou servido de pastagem [...]. Pelo menos não dos tropeiros que constantemente vinham usando a estrada serrana. Houve passagem de gado entre moradores da região, mais tarde, como consta em documento de 1874, onde um lavrador alega ter passado várias vezes com tropas de gado pelo campo denominado Canela (STOLTZ, 1992, p. 18).

Nesse campo havia uma frondosa caneleira⁴ que se localizava em um “ponto de destaque”, servindo como “ponto de encontro e pousada de tropeiros” (STOLTZ, 1992, p. 18; HOFFMANN, 2004, p. 70). Dessa forma, “esse determinado ponto tinha de ser lembrado”, e para isso, supõe-se que o município recebera dos tropeiros o nome de *Campestre Canella* em razão da caneleira, que “no século XX, [...] foi derrubada e em seu lugar construída a estação de trem de Canela” (STOLTZ, 1992, p. 19).

Nessa última frase, chamo a atenção para um conceito denominado acontecimento. Pois, “o *acontecimento*, [...] [é o] ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 2002, p. 17, grifo do autor).

Uma vez que, somente

⁴ Família das *Lauraceae*, do gênero *Cryptocarya* existente no Rio Grande do Sul principalmente em cima da serra. Há duas espécies nativas: *Cryptocarya aschersoniana* e *Cryptocarya moschata*, ambas encontradas em certa abundância em torno da Região das Hortênsias, chegando a uma altura de 25 a 30 metros de altura. Em termos de nomes-vulgares existem: canela-fogo, canela-pururuca, canela-de-porco, canela-cinza, canela-batalha e outras (STOLTZ, 1992, p. 19).

por sua existência, todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes [...]: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho [...] de deslocamento no seu espaço (PÉCHEUX, 2002, p. 56).

Afinal, “os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem” (ORLANDI, 2010, p. 16).

E, como menciona Orlandi (2010, p. 21), “o discurso é efeito de sentidos entre interlocutores”, em que ambos, sujeitos e sentidos põem-se em relação, sendo afetados pela língua e pela história.

Para exemplificar nesse trecho, chamo a atenção para os tropeiros que compartilhando os caminhos, seguiam as estruturas econômicas e políticas da época. Enquanto que o campo, lugar por onde os tropeiros passavam e que por eles mesmos foi denominado de Campestre Canella, representa a cultura e as histórias vividas por eles em suas andanças. E que pôde tanto os significar enquanto sujeitos daquele lugar, como significar o espaço, atribuindo a ele marcas que foram decisivas para o futuro.

Nessa passagem que analiso, destaco também, a existência de um marco, pois enquanto a caneleira está viva e de pé, ela representa a exaltação à natureza, o nome do município.

Porém, a partir do momento em que ela é cortada, ela passa a representar a extração da madeira que se inicia no território de Canela, por volta da década de 1910, abrindo espaço para o que Stoltz irá chamar de progresso.

E, para falar de progresso mais uma vez, tempo e espaço serão fundamentais, principalmente por se constituírem enquanto dimensões materiais da vida humana, interligando natureza e sociedade.

Nesse trabalho, o espaço pode ser entendido como expressão da sociedade, ou seja, como um produto material em relação a outros produtos materiais, inclusive as pessoas, as quais se envolvem em relações sociais historicamente determinadas que dão ao espaço uma forma, uma função ou um sentido social.

Assim, pode-se perceber que “quando as máquinas começam a dominar a estrutura econômica inicia-se um novo momento, a *modernidade*” (GASTAL, 2005, p. 16, grifo do autor). Com sua chegada, a lógica temporal se modifica, estando relacionada agora, com uma lógica de futuro que traz consigo a ideia de progresso, uma das palavras-chave da modernidade (Ibidem).

“Por progresso entende-se o que virá em desdobramento e, sob a lógica da máquina, o que virá será, sempre, um momento melhor”. Contudo, “as máquinas trouxeram como consequência poluição e danos à natureza [...] [e] esse será *apenas* o preço a ser pago pelo progresso” (Ibid., p. 18).



Entretanto, essa lógica começou a mudar a partir dos anos de 1960 quando os danos causados ao meio ambiente se tornaram reais e visíveis, sendo então, fontes de reivindicação para os movimentos ecológicos que passaram a lutar em prol da natureza (Ibidem).

Com isso, pode-se perceber o trabalho discursivo efetuado pelo acontecimento enquanto ruptura, deslocamento e desestruturação, instaurando assim, um novo momento, novos sentidos, remetendo, portanto, ao discurso fundador.

E, considerando os personagens que ajudaram a construir essa história, nos remetemos ao campo que se significou a partir do momento que seus personagens, enquanto sujeitos, o projetaram e o interpelaram, através de um processo de identificação. Ao observar o modo como o campo está investido de sentidos, na materialidade da obra, identificou-se que sua textualidade somente se expressaria por meio de marcas que remetem aos vestígios deixados em um passado próximo.

Observando o campo como discurso, e também como sentido. O sentido se dará no espaço e no movimento, fazendo a textualidade funcionar através dessas relações, ligando os sujeitos, os sentidos e a história. O campo passa a ser, a formulação dos sujeitos, pois coube a eles produzirem seus sentidos. Entretanto, sua significação não é evidente. Ela vem atravessada

de discursividade, [que são] efeitos de sentidos constituídos pelo confronto do simbólico com o político em um processo de memória que tem sua forma e funciona ideologicamente. O que redundava em dizer que, assim como as nossas palavras, [esse campo] [...] já vem sendo [significado] [...], antes mesmo que não [o] [...] tenhamos, conscientemente, significado [através de “sentidos já dados. Estabelecidos e estabilizados”] (ORLANDI, 2012, p. 92-93).

Contudo, os sentidos atribuídos a esse campo, sempre podem ser outros.

Porém, o que interessa, nesse momento, é “o espaço (topografia) e o tempo (cronografia)” a partir dos quais se desenvolve a identificação (MAINGUENEAU apud FERNANDES, 1998, p. 33), e ainda, a cenografia discursiva, que tem ligação direta com a encenação que aqui representa o tempo, o espaço, e finalmente os personagens (o agora, o aqui e o eu) canelenses: é uma conversa encenada em Canela e isso lhe dá seu sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, Cleudemar Alves. Cenografia discursiva – a presença dos dêiticos. **Signótica**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, Goiás, vol. 10, n. 1, p. 31-43, jan./dez. 1998.

GASTAL, Susana. Turismo, imagens e imaginários. São Paulo: Aleph, 2005. (Coleção ABC do Turismo).

HOFFMANN, Norberto. **Expansão urbana e gestão turística: políticas e práticas públicas no município de Canela entre 1988 e 2002**. 2004. 180 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo, Caxias do Sul, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **Discurso fundador** A formação do país e a construção da identidade nacional. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
VI SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO
1983 - 2013 – Michel Pêcheux: 30 anos de uma presença
Porto Alegre, de 15 a 18 de outubro de 2013

_____. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. 9. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

_____. Quando a falha fala: materialidade, sujeito, sentido. In: **Discurso em análise:** Sujeito, Sentido e Ideologia. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

STOLTZ, Roger. **Primórdios de Canela/Nascente Turístico do RGS.** 1.ed. [S.l.]. [s.n.]: 1992. Direitos reservados desta edição: Fundação Cultural de Canela.